

# Reflexões sobre a Doutrina do emprego dos Carros de Combate

Pelo Major OLÍMPIO MOURÃO FILHO

Interrompemos, neste número, o estudo que vinhamos fazendo, para esclarecer mais uma vez que não estamos expondo a *doutrina francesa*, pelo fato de que não há, nem nunca houve doutrina francesa, alemã ou russa, mas simplesmente uma doutrina única que é a do emprego dos carros, decorrente das condições técnicas dos mesmos — características e possibilidades.

Já vimos, no primeiro trabalho, que tanto alemães como franceses, em seus regulamentos, previram o emprego tático e o estratégico e atualmente, nas operações componentes da grande batalha de Stalingrado, os alemães vêm empregando os carros em estreita cooperação com a Infantaria, de acordo com os numerosos relatos não só teutos, como russos e outros observadores da guerra. A gravura, foto da Cia. de Propaganda do Exército Alemão — mostra uma operação tática de combinação de Carros e Infantaria na tomada de um desfiladeiro, durante a campanha dos Balcans, e correspondendo a uma das modalidades da missão de acompanhamento, descrita em nosso trabalho anterior.

É necessário, para evitar idéias falsas e concepções erroneas, frisar que no âmbito do emprego tático a Infantaria age em combinação com os Carros, de acordo com as seguintes modalidades:

- 1.º — O terreno é impermeável aos carros, ou, pelo menos, muito difícil (rampas artificiais ou naturais, intransponíveis tais como se apresentam; fossas de certas características, e outros obstáculos) — neste caso a Infantaria e os Sapadores *terão de agir no sentido de preparar passagens possíveis, precedendo* os Carros em ações isoladas de verdadeiras *patrulhas técnicas* e só depois eles se precipitam nas brechas e vão cumprir sua missão de *destruir* o fogo inimigo, *desarticu-*





Carros blindados alemães tomam um desfiladeiro.

*landó* o seu plano de fogo e abrindo caminho ao grosso da Infantaria;

- 2.<sup>a</sup> — Além dos obstáculos podem haver ainda os campos de minas entrançados na orla e espaços vazios da posição e, neste caso, além das *patrulhas técnicas numerosas*, destinadas a preparar as passagens, devem haver as encarregadas da limpeza dos campos de minas, agindo elas próprias apoiadas por alguns carros que seguem imediatamente na sua esteira como bases de fogo móveis; (1)
- 3.<sup>a</sup> — O terreno não oferece obstáculos aos carros e não há campos de minas assinalados; — trata-se, pois, de posições defensivas nos moldes clássicos (*já agora inteiramente obso-*

---

(1) Já existem os Carros Caça-Minas, agindo aos pares, em certas situações, arrastando uma rede que provoca a explosão das minas, nos locais onde a dita rede passa. (De observadores da guerra, noticiário e revistas).



letos) sagrados pela guerra de 114-18 (que não dispunham da profundidade e condições técnicas capazes de barrarem os carros modernos). Neste caso, mesmo no âmbito do Grupamento Mixto (Infantaria-Carros), estes precedem-na atacando e penetrando na posição, executando suas missões de destruição e neutralização, atingindo linhas de objetivos que serão depois de curto intervalo alcançadas pela Infantaria.

Desde que seja aberta uma brecha suficiente pelas Divisões apoiadas por Carros (Grupamentos Mixtos e Grupamentos de Conjunto) se for o caso, por ela, ou pelos espaços vazios, quando os há, precipitam-se as Grandes Unidades de Carros (constituídas especificamente de Carros Pesados de longo raio de ação, potência de fogo e couraça adequada) com o devido apoio de uma Aviação apropriada, e, em manobra estratégica, procuram atingir, em grandes profundidades, a retaguarda inimiga, desorganizando-a e quebrando assim não só o dispositivo estraté-



Artilharia alemã anti-tanque rechassando um ataque de carros blindados



gico inimigo, como até mesmo, mais profundamente, destruindo a organização das zonas do interior.

Ninguém poderia imaginar a possibilidade de se atirar Grandes Unidades de Carros contra Posições defensivas de porte capaz, arriscando-as ao desgaste infalível e prematuro, com a perda irremediável de material e pessoal custoso, do mesmo modo que não se poderia pensar em empregar desta forma Divisões de Cavalaria.

Havendo brechas ou espaços vazios, aí, sim, é a oportunidade específica de empregar Divisões ou Exércitos Couraçados.

Não havendo, é preciso, fazê-las e, neste caso, *não cabe às Divisões Couraçadas a tarefa de furar as passagens necessárias*; nem elas poderiam executá-las em posições modernas como as realizadas pelos Russos, com 70 km., às vezes, de profundidade e com um Plano realizado de *jogos anti-carros e obstáculos anti-carros*.

Eis porque um Plano de Organização de Forças Moto-Mecanizadas deve prever a existência dos seguintes elementos:

- Unidades Independentes — de Carros Leves e Médios (Batalhões) destinados ao emprego tático, em apoio às Divisões de Infantaria e Cavalaria;
- Grandes Unidades Couraçadas — de Carros Pesados — destinadas ao emprego estratégico em combinação com a Aviação e, em certos casos, com a Artilharia Pesada.

Da organização do Exército Francês constava a Divisão Leve, cujo emprego a prática não sagrou como eficiente. O Exército Americano já teve Divisões de Carros Médios. Todavia, tendo em vista a missão específica das Grandes Unidades Couraçadas, não há que fugir à necessidade de só equipá-las com Carros Pesados, isto é, acima de 13 T.

A Divisão Alemã compreende carros Pesados de 35 Toneladas, peso este que parece ser ótimo para as missões e raio de ação que deles se exige.

---

Sem dúvida alguma há necessidade de ser feita uma revisão na doutrina. Mas é preciso agir com a máxima cautela porque definir onde e como modificar, é problema complexo que póde afetar todo o



corpo de doutrina. O *livre exame* deve ser rigorosamente vedado — ou as consequências sobre o edifício de nossa cultura militar, de apenas 20 anos de espessura, poderão ser o desabamento sem qualquer proveito.

As primeiras impressões são, na maioria das vezes, algo perigosas porque os fatos observados com muita proximidade de tempo, não oferecem panorama e podem conduzir a falsas conclusões.

Quando a França foi invadida e seu heróico, valoroso e culto Exército baqueou, o mundo alarmou-se e razões as mais variadas foram invocadas para explicar a catastrophe — desde a obra da quinta coluna até à incompetência dos grandes Generais Franceses, não tendo sido poupado ao nobre Exército nem mesmo o insulto e a calúnia.

Os técnicos, então, porfiaram em discussões; hipóteses em número incalculavel foram arquitetadas. Devo confessar que a explicação para mim mais agradável, da derrota do grande e nobre Exército, por ser a mais verossimil e aquela que não atira lama sobre os bordados dos Generais é a seguinte:

- 1.º — A superioridade material alemã em Carros de Combate não era, de modo algum, o que exageradamente se supunha embora ela fosse um fato;
- 2.º — A organição defensiva nos moldes classicos *não tinha os requisitos técnicos* (hoje empregados pelos russos, com notavel exito) para deter o *avanço diréto das Grandes Unidades Couraçadas Alemães que, na maioria dos casos abriam por si mesmas as brechas por onde se precipitaram, embora em certas partes da frente tivesse havido neccsidade de abertura prévia de passagens;*
- 3.º — O Exército Alemão tendo arrebatado a iniciativa ao Francês, este não mais poudo, por sua vez, lançar suas Divisões Couraçadas (em número de três) na retaguarda Alemã;
- 4.º — A experiência da linha Weygand, primeiro esbôço de organição defensiva moderna, falhou por falta de profundidade, falta de tempo suficiente para os trabalhos e falta de material e pessoal.



Por consequência, toda tentativa de resistência daí por diante iria ser em pura perda, pois a França não perdêra *só uma batalha* continental, mas a própria guerra, na opinião do velho Marechal. Havia ainda alguma coisa da França que Petain julgou valer a pena salvar e propôs o armistício.

Mas, neste caso, poder-se-ia objetar — os Generais Francêses provaram ser incompetentes:

- 1.º — Porque se deixaram surpreender na manobra estratégica;
- 2.º — Porque não previram, desde o tempo de paz, organizações capazes de deter os Carros.

As respostas bem poderiam ser as seguintes:

- 1.º — Os Aliados estavam articulados para a defesa da fronteira da França e dignamente *respeitaram a neutralidade belga*; razões de ordem política superior forçaram Gamelin a desmanchar seu dispositivo inicial para acudir à Bélgica e *defender o litoral*; depois disto, não havia mais possibilidade alguma de ganhar tempo suficiente para *qualquer outra manobra* em boas condições;
- 2.º — Os Alemães não previram com absoluta certeza a possibilidade de, com suas Divisões Couraçadas, romper tão facilmente as organizações defensivas, até então classicas, impedindo ao inimigo toda possibilidade de uma retirada estratégica em boas condições. Empregaram eles diretamente suas Grandes Unidades Mecanizadas contra as ditas organizações, ou começarem por abrir as brechas com o binomio Infantaria-Carros?

Que, em certas partes da frente, na batalha da Flandres, houve, no princípio, o emprego combinado de Infantaria-Carros, hoje não mais resta dúvida. Muitos filmes cinematográficos confirmam-no plenamente.

Do que se dúvida, com muita razão, é que o Alemão esperasse um *feito tão grande e tão rápido* das suas Divisões encouraçadas, embora as mesmas pudessem romper sozinhas as organizações defensivas classicas.



A derrota rápida da França foi, para os chefes Alemães, uma possibilidade de avançar rapidamente na Rússia que tivera tempo de colher os ensinamentos fornecidos pela experiência da linha Wygand e que conseguiu realizar, com êxito apreciável, aquilo que já se julgava impossível em face da ação das Divisões Couraçadas apoiadas pela Aviação:

- Retiradas estratégicas, evitando os bolsões formados pelo celebre *Keil und Kessel* (exemplo — a retirada na frente de Karkow, até ao Volga, com a passagem do Don, de pérmio);
- Organização de posições defensivas impermeáveis ao avanço directo das Divisões encouraçadas forçando o inimigo precisamente às operações de carácter primeiramente tático (combinação de Carros e Infantaria para praticar o furo em pontos limitados da frente) ou o *Keil* (cunha), brechas que pelo alargamento e aprofundamento progressivos, lentos e tenazes, forneciam uma passagem suficiente para as Divisões encouraçadas seguidas das tropas motorizadas, na realização, afinal, do *Kessel*.

Em Maio de 1940, preocupados, sem disporem de informações precisas, trabalhando mais com a imaginação então super-excitada do que com o raciocínio, porque para este faltavam ainda os dados concretos, quantos devaneios amargos e tristes não fizeram muitos oficiais ?!

Como curiosidade, acompanhemos um destes atormentados que escreviam precisamente naqueles dias tragicos da queda da França:

“Que reacções sofrerá a doutrina ?

“Aos que, como eu, se acham longe do teatro dos acontecimentos, tudo parece indicar que houve, devido ao emprego de material moderno, uma verdadeira revolução na arte da guerra. Determinar as dimensões desta revolução, eis o problema.

“Efetivamente, terá ela atingido os princípios da Estrategia, ou apenas os da Tática ou, então, sómente trará modificações aos processos, deixando intangíveis os princípios ? E' cedo talvez, para julgar. De qualquer modo quero fixar aqui a impressão profunda que deixou em meu espirito o desenrolar das várias campanhas: rapidez de ação nunca sonhada antes; envoltimentos de grande envergadura em Kutno,



na Polónia, na Bélgica e no N. da França, operações que quasi me tentam a afirmar que não há mais possibilidade de se conseguir uma frente estratégica e que as operações, hoje em dia, se desenrolam no plano em todas as direcções, o que ainda mais complicou o aspecto da guerra a três dimensões.

“Quanto aos métodos táticos, a modificação parece profunda.

“Quem mais pode, hoje, falar em segurança aproximada? A que distância é necessário lançar uma Vg para cobrir um dispositivo? 100 Km? 50? 200, ou 500? Mas, uma Vg a esta distância não pode mais ser uma fração taticamente ligada ao seu grosso.

“Chegaremos (que absurdo!) à conclusão de que não há mais segurança aproximada e que a segurança afastada de uma massa é feita por outra que dela não depende taticamente.

“Quanto à divisão do trabalho, isto é, à diferenciação das Armas, se assim lhe podemos chamar, ocorre aqui perguntar: haverá ainda possibilidade de emprego da Cavalaria? E a própria Artilharia, poderá ela ser escalonada como antigamente, segundo a gama classica dos calibres, dando como consequência, pelo desdobramento uma *nuance* no emprego tático? Parece que a palavra apoio diréto, perdeu o sentido.

“O caso, agora, é de ida do calibre na frente da tropa que ocupa — a Infantaria.

“A tendência geral, no terreno da tática parece ser a seguinte: a artilharia couraçada vai *na frente*, e enquanto suas *lagartas* transpõem os obstáculos, seu fogo destrói completamente o inimigo. O infante roda atrás e sua missão principal, substantiva, passou a ser a ocupação do objetivo destruido directamente, *in loco*, pelo fogo que foi à frente. A manobra, agora, parece poder ser definida “como a combinação do *movimento* com o fogo”.

Quem terá coragem, hoje em dia, de falar em organização de campanha, no sentido *infantaria*, isto é, pá, picareta, abrigo individual, trincheira e quanta perfumaria mais? Quem terá coragem de falar ainda em atiradores de fuzil, caçadores, volteadores, grupo de combate e quanta velharia mais, própria para museus e romances históricos? Com excepção dos lugares expecionais *onde não pôde haver batalhas*, isto é, os terrenos proibidos aos carros, que emprego dar a toda esta gerinçonça antiga que viemos aprendendo a usar durante 20 anos? Note-mos, de passagem, *que um Exército se organiza e se prepara para as*



*Batalhas* e não para as ações particulares. Por consequência, não sendo mais possível, nas batalhas, empregar o sobre-dito material com os referidos processos, é necessário refletir um pouco neste momento.

Que tragedia a da nossa geração! Ingressou ela no oficialato, depois da revolução dos métodos da guerra de 1914-18 e mal se apodera dos mesmos e os assimila, eí-los por terra e nova revolução a *desafiar* nossa flexibilidade intelectual!

Há ainda considerações de ordem mais elevada e geral, e que ocorrem ao espírito dos profissionais.

Um avião de bombardeio em vôo horizontal, — peça movel, oscilante, atirando projetís obrigados a uma trajetória complicada modificada pelo ângulo de retardo e mais as condições meteorológicas — com a sua dispersão escandalosa, por isto impróprio para dar apoio na linha de batalha, impróprio para atacar certos pontos sensíveis de terra como pontes, determinados P.O., rodovias, e alvos do mar, como os navios de guerra, que papel faz, no *âmbito da batalha, na linha de frente*, em face do moderno avião em piquê, dotado de uma precisão alucinante, *podendo pretender com toda a lógica conseguir destruir um carro de combate movendo-se em terra?*

Decididamente, se a guerra 1914-18 era uma guerra a duas dimensões, *no plano*, a atual é claramente a *três dimensões*, e a conquista da 3.<sup>a</sup> dimensão não foi feita pelo progresso do bombardeio horizontal, mas, sim pelo avião em piquê — mais eficiente do que a artilharia e dotado de uma precisão e alcance consideravelmente maiores!

A revolução começada em 1916 por Churchill, libertando a coraça da fixidês em terra e o motor da rodovia, foi completada por Prohman, libertando o avião de bombardeio do ângulo de retardo e ameaça abalar em seus fundamentos a estrutura classica e secular da Estrategia e os processos táticos novissimos de 1914-18!"

Depois de outras considirações, perguntava o angustiado profissional, em sua dramática divagação:

"Mas, e na América do Sul? Até que ponto a industrialização dos países desta parte do Continente da Liberdade Sagrada, permitirá a revolução nos métodos e processos?"



É concluída:

“De algumas coisas podemos ficar certos:

- 1.º — Necessitamos *pensar* em carros de combate;
- 1.º — Necessitamos *pensar* em aviação;
- 3.º — A revisão da doutrina será infalível. Todavia, é necessário ter muito cuidado quando lá chegarmos”.

Hoje, depois que dois anos se passaram e que a distância no tempo já concede uma certa visão panorâmica, panorama que está vivamente iluminado pelos reflexos inteiramente diversos da guerra germano-russa, verificamos que se o nosso *torturado profissional* tinha razão em alguns pontos, noutros sua visão era inteiramente falsa e catastrófica e que é necessário não se esperar do emprego das unidades mecanizadas, *mais do que elas podem dar*, quer no âmbito local tático, quer no quadro *estratégico* em que as ações tomam o caráter nitidamente tridimensional, com couraças e motores nos céus e na terra, na mais perfeita articulação possível, ou, do contrário, sem êxito.

---

Não pretendemos, no momento, desenvolver mais o assunto.

Por ora, basta observarmos que algumas das conclusões a que já se pôde chegar, para a futura revisão, são as seguintes:

- 1.ª — A organização defensiva deve repousar na estrutura de um Plano de obstáculos anti-tanque e de um Plano de fogo anti-tanque.

Em face da velocidade de combate dos carros, a profundidade das modernas organizações deverá ser muitas vezes maior, afim de obrigá-los durante o máximo de tempo possível, a se manterem sob o fogo, aumentando assim as probabilidades de sua destruição.

A este respeito é necessário fixar, para melhor compreensão, que a articulação das organizações defensivas visava, substancialmente, conferir às mesmas a malha de fogos indispensáveis para impedirem a abordagem da posição pela Infantaria atacante.



Quando surgiram os carros, a dita *estrutura planejada especificamente contra homens*, acrescentaram-se *disposições complementares contra os carros*.

Falhou. Hoje, a estrutura é *substancial contra os carros*.

E' a base da defesa anti-carro que se organizam as posições defensivas e daí:

- ossatura do Plano de fogo contra carros;
- ossatura do Plano de Obstáculos contra carros;
- profundidade relativa à sua velocidade e resistência.

Os Franceses ensaiaram realizar a concepção na Linha Weygand, tendo faltado tempo e recursos.

Os russos conseguiram fazê-lo e desde então foi possível deter as Divisões encouraçadas onde existiam as ditas organizações.

- 2.º — A organização de posições de defesa devem ser encaradas *substancialmente* como *apoio* para os *ataque contra o inimigo*, sucessivos, repetidos e de qualquer intensidade. “O melhor meio de se defender é atacar sem descanso”. (Dos Regulamentos Russos).
- 3.º — O domínio do espaço aéreo por parte do inimigo *não impossibilita o exercício da defesa com êxito*.

Ou, por outras palavras: para atacar, em operações de vulto, é indispensável o domínio do espaço aéreo; para a defesa, porém, tal domínio não é indispensável — ela pode continuar a ser exercida, com bastante eficiência, mesmo sem ele.

